

## Trajetória na tutoria do curso de Tecnologia em Segurança Pública UFF/CEDERJ no Polo Niterói

**Paulo Mendes<sup>1</sup>**

### *Começo*

Graças à seleção pública aberta segundo critérios objetivos de currículo eu entrei para a tutoria do curso de Tecnologia em Segurança Pública da UFF/CEDERJ em outubro de 2017. As matérias designadas foram “Estado, Direito e Cidadania” e “Discursos de Poder e Segurança Pública” para atuação aos sábados pela manhã. As primeiras informações essenciais passadas pela coordenação de tutoria do Polo foram sobre acesso à plataforma e como funcionava o Polo, quando também foram entregues os materiais didáticos.

Então se deu o começo efetivo da tutoria com a apresentação aos alunos de forma virtual e encontros presenciais. As primeiras tutorias foram exposições dos conteúdos das matérias no quadro seguindo o cronograma do semestre, com abertura para dúvidas no fim. Nesse período a maioria dos alunos eram policiais militares e mais velhos que eu, o que me fazia adotar uma postura um pouco mais formal, que se expressava pela vestimenta, com uma roupa mais social.

Um problema enorme logo de cara foi o atraso das bolsas nos três primeiros meses, suplantado pelo ânimo inicial, condições pessoais de estar no Polo e a promessa de que futuramente haveria o retorno financeiro. Marca desse momento foi o agradecimento do representante do curso pela continuidade das atividades, mesmo sem a devida contrapartida. Nessa oportunidade foi apresentada a origem e o histórico do curso e sua ligação com atividades de pesquisa por Roberto Kant.

---

<sup>1</sup> Graduado em Direito pela UFRJ. Mestre em Criminologia pela UNL (Argentina). Tutor Coordenador do Tecnólogo em Segurança Pública e Social da Universidade Federal Fluminense.

### *Ambientação na tutoria*

A tutora Gabriela Alvarenga assume a coordenação da tutoria no Polo e passa a ter um contato mais frequente com os tutores, sempre de forma extremamente solícita. Há nesse segundo momento da minha parte um desenvolvimento da tutoria. Logo percebi que o formato de uma aula reproduzia uma lógica que embora fosse presencial, mantinha certa distância, o que me fez de forma um pouco intuitiva - e talvez inspirada pelo nome da Escola que se localiza o Polo - fazer uma tutoria de inspiração freireana<sup>2</sup>. Isso se deu também por certa consideração da artificialidade de me considerar detentor de um conhecimento que iria transmitir a eles sobre um tema em que eles mesmos tinham uma especificidade maior do que a minha própria formação em direito.

Essa tutoria implicava a apresentação dos alunos por nome, profissão, motivo de ter procurado o curso e o que esperavam dele. Os alunos inicialmente pareciam se interessar por esse formato mais horizontalizado, inclusive com alguns demonstrando certa surpresa. As profissões dos alunos que cursavam eram: policial militar, policial civil, guarda municipal, agente penitenciário, forças armadas.

O motivo de terem procurado o curso eram desde mais gerais como “busca de conhecimento”, como mais pragmáticas como promoção através da possibilidade de fazer um concurso público que significasse certa “elevação” da carreira, como para policial federal. Os alunos esperavam essencialmente refletir um pouco sobre a prática, com certa consciência desde o início, no entanto, de uma diferença entre a formação corporativa e aquela oportunidade universitária.

A ressignificação do formato implicava ficar sentado, apresentar um pouco o conteúdo e sugerir um tema de discussão da matéria que poderia ser conectada à experiência profissional. Assim, sugerido o tema, todos os alunos iam contando as experiências e a partir das falas dos colegas, mais ou menos mediadas por mim, trocavam impressões sobre questões como drogas, direitos humanos, situações de atuação limite como repressão em ato de roubo, meios de comunicação, e algumas histórias que

---

<sup>2</sup> A Escola Municipal Paulo Freire, da rede pública de ensino da cidade de Niterói, abriga o Polo Regional CEDERJ-CECIERJ, onde ocorrem as atividades presenciais do Tecnólogo em Segurança Pública e Social da UFF, além de outros cursos.

entendiam como fatores ligados a criminalidade, bem como certa exasperação com algumas justificativas que soavam como “defender bandido”.

Essa parte presencial era complementada pela correção das avaliações pela plataforma. Duas atitudes mais básicas nas avaliações eram a de o aluno simplesmente emitir uma opinião própria sobre o assunto e outra de tentar emular um pouco o que dizia o material de estudo, seja com as próprias palavras, seja com certa reprodução do conteúdo. Nesse sentido foi importante estabelecer um critério de correção comparativo e que comentava o motivo da nota, elencando os pontos que faltavam para tirar a nota máxima. Uma dificuldade básica dos alunos era responder tudo aquilo que a questão pedia, com um número importante de respostas parciais. Também ficou clara a necessidade de desenvolvimento da leitura e escrita, ou seja, a demonstração do entendimento do conteúdo das matérias e a elaboração de um texto bem escrito e organizado que respondesse o que a questão pedia.

Particularmente nesse período houve a possibilidade de assumir novas matérias (“Análise de Políticas Públicas” e depois “Estatística aplicada à Segurança Pública”) o que era fundamental no meu engajamento no curso, me tornando um tutor mais integral, o que se refletia também no aumento do valor da bolsa.

Um episódio interessante que marca esse período foi um encontro presencial na UFF realizado pelo então coordenador do curso de Tecnologia em Segurança Pública Pedro Heitor. Esse encontro permitiu um amplo balanço em que se pode ouvir diferentes experiências de vários polos sobre como funcionava o curso e sobre os problemas enfrentados.

### *Desenvolvimento de oficinas*

Um período de grande engajamento foi quando procurado para realizar atividades no Polo pela tutora coordenadora Gabriela Alvarenga. Eu tinha uma experiência prévia com oficinas de leitura e redação numa instituição privada e criei um formato de oficina que dialogasse com aquela experiência mais horizontalizada da tutoria.

A ideia da oficina era desfazer uma relação de certa distância, procurando desconstruir a visão dos alunos-profissionais de que muito do conhecimento seria uma “teoria inútil”. Mas ao mesmo tempo valorizar a experiência que tinham e reverter o estereótipo comum dos detentores do saber de que havia uma “prática irrefletida”.

Foi criada então uma primeira oficina “Discutindo o trabalho policial” que trazia sucintamente um texto acadêmico sobre o assunto, listando alguns pontos importantes numa fala de uns 20 minutos no máximo. Essa exposição esperava tocar em pontos importantes para os alunos-profissionais. Nessa oportunidade houve um interessante engajamento, em que muitos alunos animados contavam a experiência de policiamento, as dificuldades, medos e até alguns comentários fora do registro oficial.

Numa segunda oficina foram discutidas “Insegurança (s)”, sobre o problema da violência e as tentativas de lidar com isso, em que ganhou especial relevância a discussão sobre as Unidades de Polícia Pacificadoras, naquele momento sendo desmanteladas. O que gerou um debate sobre como para a polícia esse projeto significou uma tentativa de virada de chave, sendo pontuadas questões como o treinamento específico de policiais para atuarem nessas unidades, a tentativa de estabelecer uma nova relação com as favelas, e sobre como houve um marketing político exagerado que acelerou e ampliou sem a organização devida os projetos que depois da primeira impressão de salvação terminou em decepção.

### ***Grupo de estudos em segurança pública***

Uma iniciativa que transformou um pouco a relação mais institucional e episódica do curso no Polo foi o Grupo de Estudo em Segurança Pública (GESP), encontros promovidos pelo Laboratório de Socialização Acadêmica em Segurança Pública (LABIAC). Eram rodas em que se trabalhava um texto previamente selecionado, em que os alunos ouviam, falavam a sua impressão e também contavam experiências. Foram diversos encontros que marcaram a formação de um grupo de estudos em segurança pública. Esses encontros retornaram recentemente com oficinas de escrita acadêmica para a revista *Campo Minado*.

Esse período também foi marcado por eventos do tipo mais palestra sobre temas como drogas e mais recentemente outros de exposição de pesquisa sobre guarda municipal e milícia, com algumas pessoas engajadas na discussão, que redundou inclusive em doações de livros para a biblioteca do Polo.

### *A pandemia e seu impacto*

A pandemia marcou o trabalho remoto da tutoria que até então era presencial. Com isso a plataforma ficou sendo a única ferramenta de contato com os alunos. Houve também redução da carga horária, o que aliado à inflação fez com que a situação da tutoria entrasse numa fase muito complicada.

O trabalho inteiramente à distância ficou mais protocolar e as interações perderam qualidade, embora resistissem dentro das possibilidades com ferramentas de comunicação digital que emergiram com mais força. A dimensão pessoal e coletiva de sobrevivência era o que ocupava o centro, especialmente num contexto que conheceu um índice de mortalidade muito acima da média, o que foi agravado pela escandalosa omissão e negação do governo infelizmente eleito de então.

O curso de Tecnologia em Segurança Pública, conhecido pela participação dos alunos, diminuiu um tanto o engajamento, efeitos que foram sentidos no retorno ao presencial e que reverberam até hoje, com o curso passando de semipresencial para mais definitivamente à distância, algo que só agora começa a ser revertido.

### *Coordenação, integração e demandas*

A flexibilização da pandemia veio para mim como uma possibilidade de reativação da tutoria, com a indicação da tutora-coordenadora Gabriela Alvarenga para que eu assumisse a coordenação, acredito que pela parceria e compromisso ao longo dos anos. Foi então que conheci mais de perto e pude interagir de uma forma mais direta e proativa com um trio que mantém o curso funcionando: a coordenadora do curso Andrea

Soutto Mayor, a coordenadora de tutoria Mônica Garelli, e a pessoa que simplesmente sustenta a administração, Dylla Neves.

Inicialmente resolvendo as questões burocráticas e tentando manter o padrão de atenção da minha antecessora e paulatinamente levando questões importantes que eu identificava, encontrando abertura e algumas respostas, na medida do possível. Procurei sempre estar disponível para os tutores presenciais e acredito que possuo uma boa comunicação, o que é facilitado por um trabalho que raramente gera questões mais complicadas.

Marcou também uma integração com o Polo com seu potencial de ser um ambiente que efetiva a interiorização, mantém um caráter presencial e permite acolher o aluno. Esse potencial, no entanto, precisa da integração com o curso, algo que tem voltado a se dar e do qual espero poder ser um vetor. O Polo, embora com uma estrutura suficiente, padece de alguns problemas que em determinadas circunstâncias se agravaram e tornaram complicadas as condições de trabalho. Alguns desses problemas foram parcialmente ou mais definitivamente resolvidos, alguns persistem.

Assumindo a coordenação e mais matérias: “Introdução a EAD”, “Mídia e Segurança Pública” e “Sociologia do Crime e da Violência”; e deixando outras, a minha situação em particular melhorou. Os tutores presenciais mantinham número de matérias e horas que davam também certa condição de engajamento e permanência.

Mas uma condição básica era fonte de insatisfação generalizada: o reajuste das bolsas. Além de estarem muitíssimo tempo sem reajuste, a bolsa estava sendo consumida pela inflação, o que se somava aos gastos do retorno ao presencial. Foi um período difícil, que só ganhou maior esperança com o aumento da bolsa federal a que, no entanto, nenhum tutor estava vinculado. Durante quase um ano foi mantida uma diferença do valor da bolsa entre o vínculo federal e estadual e o movimento dos tutores com dificuldade conseguiu pressionar o CEDERJ, que se inicialmente mostrava alguma disposição para o diálogo, deixou os tutores esperando apreensivamente o reajuste até finalmente ele se concretizar, o que se concretizou graças ao movimento dos tutores que expôs a situação e angariou apoio político.

### ***Desafios***

Para terminar gostaria de comentar alguns desafios. Existem algumas impressões dos alunos sobre o curso que surgiram na atividade de coordenação. Uma visão generalizada é que o curso tem um enfoque “social”, o que por um lado parece uma oportunidade de compreensão sobre a segurança pública, mas que por outro parece sugerir indiretamente que não se aplicaria mais diretamente à prática profissional.

Outra questão que surgiu foi que o nome “tecnologia” para alguns significava no momento de entrar no curso que o conteúdo abarcaria o uso de novas tecnologias na segurança pública.

Existe também uma impressão que o curso poderia renovar as formas de acesso na plataforma, com maior dinâmica, contato e interação.

Acredito que o curso de Tecnologia em Segurança Pública no Polo Niterói vai relativamente bem. Um desafio, no entanto, tem sido a entrada de novos tutores presenciais, que pelos critérios utilizados pelo CEDERJ até agora acaba dificultando o acúmulo de algumas matérias, o que é essencial para criar vínculo e conferir uma bolsa que justifique a permanência. Parece que isso pode mudar com o critério de inclusão de tutores por área e não mais estritamente por matéria.

Estão sendo retomadas atividades presenciais no Polo, o que tem engajado alguns alunos. Acredito que o processo de maior integração e presença entre curso e polo é essencial para fazer desse espaço uma oportunidade de contato cara a cara e desenvolvimento de uma comunidade de ensino.

O projeto de ampliação de acesso e interiorização foi uma conquista muito importante. Mas para a manutenção e melhoria parece necessária uma revitalização desse projeto que envolva Curso, CEDERJ e Polo com apoio federal e possibilidade de participação dos tutores. É fundamental que haja um plano de aproveitamento de toda essa experiência acumulada pelos trabalhadores de ensino, gerando maiores e melhores oportunidades.

Como relatado, os sete anos de experiência agregaram à minha trajetória profissional algumas habilidades e competências importantes. Como resultado desse processo, tive a honra de participar como revisor da Revista Brasileira de Segurança

Pública, graças às oportunidades de formação que tive aliadas a essa experiência, sempre pautadas por esforço e comprometimento.

Feito um pequeno histórico, termino aqui esse relato de contribuição individual e coletiva à Universidade pública, gratuita, de qualidade, aberta e interiorizada.